

## JORGE ZARUR E A GEOGRAFIA BRASILEIRA

Área temática: Teoría, historia y metodología de la Geografía

**Marcela Zarur**

Mestranda Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[marcelazarur@gmail.com](mailto:marcelazarur@gmail.com)

### RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de investigações produzidas pelo Grupo de Pesquisa Geografia Brasileira: História e Política (GeoBrasil), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através do projeto Dicionário dos Geógrafos Brasileiros (1890-1990), que tem como objetivo central oferecer um estudo sistematizado e crítico da produção intelectual da Geografia brasileira. No trabalho ora proposto serão apresentadas e debatidas a vida e a obra de Jorge Zarur (1916, RJ -1957,RJ), importante geógrafo brasileiro de grande contribuição à consolidação e desenvolvimento da moderna ciência geográfica no País, especialmente, entre 1937 e 1957. Formado em Ciências Sociais e Jurídicas e em Geografia, Zarur se dedicou tanto ao magistério, quanto a pesquisa geográfica e o planejamento territorial. Esteve também diretamente envolvido na implantação e no fortalecimento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tendo assumido cargos importantes nessa instituição. Assim, no campo político institucional, Zarur foi secretário-assistente do Conselho Nacional de Geografia, do IBGE, no período de 1949 e 1951, assessor do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e secretário-geral da Comissão de Geografia do IPGH, de 1946 a 1957. Na Revista Brasileira de Geografia, relevante periódico do IBGE, publicou artigos científicos, editoriais e noticiários que constituem fontes históricas valiosas que serão aqui detalhadas e analisadas. Para desenvolver os temas apresentados, este trabalho está organizado em duas partes. Na primeira são expostas informações “geobiográficas” sobre o autor, sua vida e trajetória espacial. Na segunda, são apresentadas e analisadas tanto sua produção intelectual quanto sua atuação institucional tendo como fonte documental a Revista Brasileira de Geografia. Aqui serão também destacados os estudos e as atividades realizados por Zarur para o primeiro Censo das Américas, entre 1946 e 1950.

**Palavras-chave:** Jorge Zarur, Geografia Brasileira, Dicionário dos Geógrafos Brasileiros, História institucional.

## JORGE ZARUR E A GEOGRAFIA BRASILEIRA

Jorge nasceu em 13 de abril de 1916, período em que o mundo estava atento aos acontecimentos da 1ª Guerra Mundial. Quase todas as regiões do mundo foram afetadas por ela. O Brasil, presidido por Venceslau Brás, teve sua exportação de café para a Europa comprometida, bem como a importação de bens industrializados. Já no Líbano e na Síria, então pertencentes ao império Turco-Otomano, os impactos foram mais diretos e os tempos estavam difíceis. As rotas comerciais haviam sido fechadas e a revolução constitucional no Império Otomano (1908) obriga os jovens a servirem ao exército otomano. A partir de então, segundo informações da Embaixada do Líbano no Brasil, o movimento migratório em direção ao Brasil se intensifica. É então que o jovem libanês Chade Jorge Zarur decide migrar para o Brasil. Cerca de dois anos depois, casa-se por procuração com a jovem síria Helena Elias Zarur, que vem para o Brasil formar família com ele.

Jorge Zarur é o primeiro filho desse casal de imigrantes que fixam residência na colônia sírio-libanesa que se formara na Rua Saara e Senhor dos Passos, no coração da Guanabara, antiga capital do Brasil e atual cidade do Rio de Janeiro. Como outros imigrantes árabes, o pai de Jorge trabalhou inicialmente como mascate, vendendo artigos variados pelo interior do Rio de Janeiro e São Paulo. Como o tempo, Chade conseguiu juntar algum dinheiro e comprou uma Quitanda na rua Senhor dos Passos.

Como primogênito dessa família de cultura árabe, Jorge tinha a obrigação de trabalhar para ajudar a sustentar a família composta por Chade, Helena e nove filhos nesta ordem: Jorge, Fernando, Elias, Dagmar, Georgina, Linda, Amado e Floriano. Segundo relatos da família, Jorge sempre gostou de estudar e seus irmãos Fernando e Elias é que trabalhavam para que ele pudesse dedicar aos estudos.

Por morar no centro da cidade, Jorge teve acesso aos melhores colégios públicos e professores da época. Coursou o jardim de infância na Escola Campos Sales, localizada na Praça da República. Aos treze anos de idade, em 1929, período em que o Brasil vivia grande instabilidade política e econômica, Jorge foi estudar o curso secundário no Colégio Pedro II, instituição de ensino mais importante do Brasil à época. De 1929 a 1934, Jorge estudou o curso de humanidade e se formou, aos 18 anos Bacharel em Ciências e Letras, tendo tido como professores importantes personalidades da Geografia Brasileira, como os professores Carlos Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia.

Quando Jorge ingressa no Colégio Pedro II, seu pai já havia melhorado sua condição financeira. Embora com todas as dificuldades de um imigrante que não sabia nem mesmo escrever em português, o velho Charrud havia conseguido certa estabilidade (além da quitanda comprou uma loja de tecidos) e

se tornado um dos líderes da colônia libanesa no Rio de Janeiro. Entretanto, seu envolvimento com os acontecimentos que antecederam a Revolução de 30, acabou por torná-lo pobre novamente.

Conta-se que o imigrante investiu financeiramente na campanha de Júlio Prestes, que não conseguiu tomar posse devido a Revolução de 1930. O contexto político e econômico nacional será profundamente alterado após a Revolução de 1930. A nova República, ao passo que criou novas possibilidades para o desenvolvimento industrial do país e para o trabalho dos geógrafos, atrapalhou os planos do pai de Jorge, que havia apoiado Julio Prestes e perdeu muito dinheiro com a sua derrota.

## A REVOLUÇÃO DE 1930 E O AVANÇO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA

Até a Revolução de 30, o Brasil ainda era um país basicamente rural e vivia uma estrutura de poder profundamente comprometida com os interesses das oligarquias agrárias dos estados de São Paulo e Minas Gerais, período conhecido como República das Oligarquias ou, do Café com Leite, como referência a produção de café em São Paulo e criação de gado em Minas Gerais.

Apesar da existência de uma pequena classe industrial fabril que pressionava o Governo Federal para conter os subsídios dados ao café e atender aos seus interesses, ainda eram as oligarquias agrárias que dominavam o país. Eleito 1926, o Presidente Washington Luís, que dentro da política do café-com-leite representava os interesses das oligarquias cafeiculturas paulistas, rompeu com o combinado de indicar para seu sucessor um presidente mineiro, deixando Minas Gerais e as demais oligarquias regionais ainda mais insatisfeitas do que já estavam. Formou-se, então, a Aliança Liberal em oposição aos paulistas, que apoiavam Júlio Prestes para a sucessão presidencial.

Apesar da vitória nas urnas, Júlio Prestes não chegou a tomar posse, pois as forças rebeldes e armadas (Exército e Marinha) depuseram Washington Luís em um golpe de estado. Assumiu o poder uma junta militar que passou o poder para Getúlio Vargas. Em novembro de 1930, quando Jorge cursava o segundo ano do secundário no Colégio Pedro II, teve início a Era Vargas (1930-1945 e 1951-1954) período que irá marcar a industrialização do Brasil, a Geografia brasileira e carreira de Jorge. Roberto Schmidt de Almeida, faz uma revisão desse período em seu artigo *A estruturação da tecnoburocracia do planejamento territorial no Brasil*, publicado na Terra Brasilis<sup>1</sup>. Neste artigo, Schmidt destaca a reconhecida importância da Era Vargas para a preparação de um Brasil urbano e industrial através da implementação de um aparelho burocrático moderno

---

<sup>1</sup> *Terra Brasilis (Nova Série)* é uma publicação da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, coletivo nacional de pesquisadores interessados na história da geografia, a geografia histórica, a história do pensamento geográfico, a história da cartografia e a história da geografia escolar, com ênfase no Brasil e na América Latina. <http://terra-brasilis.revues.org/>

*“sob a forma do conjunto de atividades administrativas especializadas e controladas por um sistema racional e legitimado juridicamente, com o poder de dar ordens e fiscalizar as relações entre o Estado e a Sociedade”.* (SCHMIDT, 2003)

Os caminhos abertos pela nova administração, que almeja a construção de um Brasil moderno em contraponto ao Brasil agrário, e sua preocupação em conhecer o território nacional e manter a unidade territorial abrem espaço e conferem importância singular ao desenvolvimento da Geografia. Tanto que, durante o Estado Novo, ocorre a criação do Instituto Nacional de Estatística, em 1934 pelo decreto 24.609; do Conselho Brasileiro de Geografia, em 1937 pelo decreto 1.527, do IBGE em 1938 pelo decreto-lei 218 e a Lei Geográfica do Estado Novo, pelo decreto-lei 311, também do mesmo ano, que dispõe sobre a divisão territorial do país.

Eli Penha em sua obra “A Criação do IBGE no Contexto da Centralização Política do Estado Novo”<sup>2</sup>, investiga os motivos que levaram a criação do IBGE e a contribuição do instituto na consolidação do Estado Nacional. A criação do IBGE, em 1938, que surge a partir da união do Conselho Nacional de Estatística com o Conselho Nacional de Geografia ocorre em um período em que a racionalização da administração pública se torna fundamental para a gestão do território.

Segundo Schmidt:

*“No contexto que aqui nos interessa, Vargas, nos primeiros anos da década de 1930, inicia a política de criação de autarquias e conselhos nacionais que cuidariam de setores específicos (como nos casos dos Conselhos Nacionais de Estatística e de Geografia), ou de produtos considerados economicamente importantes (petróleo, café, açúcar, pesca, sal e mate), controlando a produção e estabelecendo preços mínimos. Estabelece um sistema de créditos de longo prazo para os estabelecimentos industriais e define o controle estatal da marinha mercante, com a estatização do Lloyd Brasileiro e das empresas de navegação da Amazônia e da Bacia do Prata.. (...)*

*É possível perceber, pela magnitude das ações tomadas, a necessidade vital de mecanismos de controle do território, tais como: o conhecimento dos aspectos físicos da superfície e do subsolo, dos padrões espaciais da ocupação humana e econômica e de um ordenamento regional condizente com escala territorial do Brasil, além do seu mapeamento sistemático.”* (SCHMIDT, 2003)

---

<sup>2</sup> A referida obra é de reconhecida importância para a sociedade dada a riqueza de informações de caráter histórico que contém. Trata-se da dissertação de mestrado apresentada por Eli Alves Pena, no curso de mestrado da UFRJ, e que hoje compõe a linha de pesquisa Memória Institucional do IBGE.

## A CONTRUÇÃO DA GEOGRAFIA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO ACADÊMICA INICIAL DE JORGE

Após se formar no curso secundário do Colégio Pedro II, Jorge continua seus estudos e se formou Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade Nacional de Direito pela Universidade do Brasil e em Didática pela Faculdade Nacional de Filosofia (antiga Universidade do Distrito Federal), ambas concluídas em 1940.

Sobre a construção da geografia universitária no Rio de Janeiro, a pesquisadora Monica Sampaio Machado realizou um extenso trabalho de compreensão e contextualização desse processo que ocorreu simultaneamente a formação universitária de Jorge Zarur. A pesquisadora destaca que a construção da Geografia Universitária do Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo) teve a influência dos movimentos culturais iniciando na década de 20, sob a efervescência do movimento modernista, que redireciona a arte a cultura brasileiras. (MACHADO, 2009)

*“O ambiente intelectual dos anos de 1920, marcado principalmente pela comemoração do Centenário da Independência do Brasil e a realização da Semana de Arte Moderna, ambas em 1922, além de ter sido extremamente rico em manifestações, sugeriu a necessidade de transformação na vida brasileira a partir da construção de uma nova e “verdadeira” nacionalidade.*

*O modernismo, como movimento intelectual, caracterizou-se, assim, pela polarização de ideias como: região versus nação e tradição versus futuro – temas que estavam em pauta no debate para acordar o Brasil a criar a nação. Essas idéias dos anos 1920 foram integradas sob novas condições e unificadas em um novo momento histórico, os anos 1930, permeando a modernização institucional e a construção do projeto universitário brasileiro. A década de 1930 pode ser pensada, nesse sentido, como um eixo em torno do qual girava o debate sobre a questão nacional, o que incluía pensar os rumos da política e da cultura brasileiras. Nesse momento, tanto as instituições, quanto artistas e intelectuais, de diferentes maneiras, norteados pelas idéias em ebulição, oriundas do movimento modernista, passaram a vivenciar ativamente uma grande preocupação com as questões sociais do país. (MACHADO, 2009 -pág127)*

Estudante universitário neste período, Jorge Zarur, que já conhecia os professores Carlos Delgado de Carvalho e Fernando Raja Gabaglia do Colégio Pedro II, teve a sua formação profundamente influenciada pela Geografia. Embora tenha se tornado Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, seu entusiasmo e dedicação profissional ficaram a cargo da Geografia e do Magistério. Tanto

que, enquanto ainda cursava as referidas faculdades, Jorge foi assistente dos referidos professores, seus mestres, no Colégio Pedro II.

Além de seus mestres Carlos Delgado de Carvalho e Fernando Antônio Raja Gabaglia, Jorge Zarur e toda a sua geração foram influenciados por Pierre Deffontaines e pela geografia francesa, a qual ele era um dos grandes representantes. O trecho do artigo de Machado a seguir, apresenta as características dessas primeiras influências intelectuais que atuaram sobre Jorge Zarur e a Geografia Brasileira.

*“A implantação do Curso de Geografia e da História na UDF contou inicialmente com os esforços de Pierre Deffontaines e Lucien Febvre, pioneiros entusiastas dos primeiros anos, que procuravam desvendar aos estudantes o que eram Geografia e História nas suas múltiplas relações, projetadas e percebidas na “Paisagem Geográfica”. Colaboraram também com o estabelecimento da geografia universitária carioca Carlos Delgado de Carvalho e Fernando Antônio Raja Gabaglia. O primeiro lecionando Geografia Humana e o segundo Fisiogeografia. Pierre Deffontaines (1894-1978), um dos membros das missões francesas no Brasil, foi primeiramente contratado pela Universidade de São Paulo e, posteriormente, entre os anos de 1936 a 1938, passa a lecionar geografia na UDF (MORAES: 1999). No Rio de Janeiro, exerceu grande influência nos estudantes de geografia e nos geógrafos, promovendo nestes o incentivo para a criação do Conselho Nacional de Geografia e para a publicação da Revista Brasileira de Geografia, iniciada em 1939. Pertencendo a uma geração que havia recebido formação e inspiração dos grandes mestres franceses como Jean Brunhes, discípulo de Vidal de la Blache, Deffontaines implanta no Brasil a chamada “escola francesa de geografia” (BERNARDES, 1982). Perspectiva que fica clara logo nos primeiros números da Revista Brasileira de Geografia. Seus artigos descreviam a dimensão continental do Brasil e davam o tom da nova geografia acadêmica que estava sendo introduzida, a linha vidalina, onde a moldura do quadro natural comandava a organização das atividades humanas (DEFFONTAINES, 1939). De fato, estas preocupações estavam a serviço de um governo empenhado na centralização do poder, num país até então essencialmente agrário, extremamente segmentado em arquipélagos econômicos.” (MACHADO,2009 - pág.131)*

Os relatos são de um jovem entusiasmado pela geografia. Além de estudante e professor, Jorge frequentava as assembleias do Conselho Nacional de Geografia desde sua criação, em 1937. Pouco antes de receber uma bolsa de estudos para a Universidade de Wisconsin, nos EUA, e assim começar a

segunda fase de sua trajetória dentro da Geografia, Jorge havia se tornado sócio titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Criada em 1883, a SGRJ (atualmente com o nome de Sociedade Brasileira de Geografia) era uma entidade que reunia diversos intelectuais, políticos, cientistas e que exerceu grande contribuição para o reconhecimento do território brasileiro, a formação de professores e a promoção do desenvolvimento do saber geográfico no Brasil.

Junto ao recém criado IBGE, a SGRJ organizou o IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em setembro de 1940, em Florianópolis. Hélio de Araújo Evangelista, em seu artigo intitulado Congressos Brasileiros de Geografia, no qual apresenta uma visão geral dos congressos promovidos pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, comenta sobre a relevância deste evento.

*“Na Revista Brasileira de Geografia - RBG, v.3,n.1,jan/mar 1941 p. 146, intitulada - Ecos do IX Congresso foi abordada a larga repercussão do encontro. “Sua larga repercussão em todos os setores da atividade brasileira diz bem do enciclopedismo da Geografia moderna, sob cujos princípios básicos foram orientados os trabalhos do IX Congresso Brasileiro de Geografia. ... ( patrocinado pelo IBGE ) Resolução nº 70, de 4 de novembro de 1940, do Conselho Nacional de Geografia Exprime regozijos e congratulações pelo admirável êxito do IX Congresso Brasileiro de Geografia”.* (EVANGELISTA 2003)

Recém-formado, Jorge Zarur, então com 24 anos, participou como membro da comissão técnica Metodologia Geográfica, Regras e Nomenclatura que analisou diversos trabalhos e, ao final do congresso, propôs uma série de ações para aprimorar a Geografia no país. Dessa forma a Comissão propôs que:

*“se organize roteiros e planos de excursões de caráter científico-geográfico nos Estados, especialmente para estudos geográficos de interesse geral do país; encarecendo ao Conselho Nacional de Geografia o estudo para a delimitação das regiões naturais do território brasileiro e a publicação de mapas didáticos para as escolas; e, solicitando ao ministro da Educação a volta do ensino da Geografia e Corografia do Brasil nos cursos secundários, em cadeia isolada, e, também, a separação nas Faculdades de Filosofia do curso de Geografia do de História, dada a conveniência de preparar professores secundários especializados em cada uma dessas disciplinas, separadamente.”* (RBG 1940, v.2, n.4, pág.630.)

Alguns meses depois desse congresso, como membro do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, Jorge publica, na Revista Brasileira de Geografia, o artigo intitulado A

*Geografia no Curso Secundário*, onde apresenta uma revisão sobre o ensino da Geografia desde a antiguidade e apresenta uma série de propostas para a renovação do ensino. Nota-se que Jorge estava conectado com o movimento da Escola Nova e realiza um trabalho detalhado sobre a necessidade de renovação do ensino. Sobre o ensino de geografia, especificamente, Jorge também estava profundamente influenciado pela necessidade de definição de objetivos e metodologia de ensino, tendo realizado inclusive o detalhamento dos materiais necessários, dos mapas, defendido a realização de excursões (trabalho de campo), disposição das salas de aulas e pontos positivos e negativos em relação ao emprego de testes como forma de avaliação.

É interessante observar como esse artigo está em consonância com as propostas elaboradas pela comissão técnica Metodologia Geográfica, Regras e Nomenclatura, da qual Jorge foi membro no IX Congresso Brasileiro de Geografia. Além de seu interesse natural pela educação, a sua experiência enquanto aluno, nesse momento de constituição da Geografia Universitária e toda a efervescência cultural do país, exerceram forte influência na sua prática e em seu pensamento.

Em um trecho do artigo *A Geografia no Curso Secundário*, Jorge fala sobre a influência que teve de seu mestre Delgado de Carvalho:

*“No Brasil, a ação do prof. DELGADO DE CARVALHO foi a de revolucionador dos velhos conceitos e dos velhos métodos. Trouxe para o ensino da geografia de nossa terra os pontos de vista mais modernos e mais científicos.”* (ZARUR, 1941 - pág 232.)

Foi pela indicação de Delgado, inclusive, que Jorge conseguiu galgar um degrau importantíssimo em sua formação. Em uma época que poucos faziam mestrado, Jorge teve a oportunidade estudar em Wisconsin, e ter contato com grandes mestres da Geografia americana. A partir de sua experiência nos Estados Unidos, inicia-se uma nova fase de sua carreira.

Durante a pesquisa, encontrei uma comovente carta que Carlos Delgado de Carvalho escreveu sobre Jorge Zarur após a sua morte inesperada. Intitulada *MEU FILHO JORGE*, Delgado descreve a personalidade de Jorge, sua dedicação aos estudos, suas habilidades sociais (comunitárias ou até mesmo políticas) e como ele foi escolhido para estudar nos Estados Unidos.

*“Era um menino e inquieto, este meu Jorge Zarur, quando o encontrei numa sala do Colégio Pedro II. Bom aluno e estudioso, era a franqueza em pessoa; simpatizava com os professores quando os sentia dedicados e amistosos. Para seus colegas, além de bom companheiro, era defensor alerta de seus direitos e auxiliar indispensável em todas as ocasiões. Por isso seu espírito de iniciativa era amplamente explorado por seus amigos, que confiavam na sua generosidade e no seu profundo senso de responsabilidade. Os*



*seus colegas do Pedro II nunca esquecerão os serviços que lhes prestou, o exemplo que lhes deu, com suas qualidades de liderança.*

*No Fernando Raja Gabaglia e em mim cedo percebeu Jorge a simpatia que lhes votávamos. Tornou-se mais do que nosso discípulo, fez-se nosso amigo e de nós nunca se esqueceu nos trabalhos de geografia que veio a escrever(...)*

*Quando, voltando de minha visita às Universidades dos Estados Unidos, em 1940, recebi da Universidade de Wisconsin uma bolsa de estudos para o curso de geografia para um aluno meu, sem a menor hesitação, escolhi o nome do meu filho espiritual, Jorge Zarur, apesar de não ser o seu professor da matéria.*

*Foi bem aceita a minha recomendação e imediatamente procurou ele recordar as noções de inglês que havia colhido no nosso Colégio. Em pouco tempo, já com bom vocabulário, embarcava ele para os Estados Unidos onde, em Madison, teve os melhores professores da Geografia americana.” (CARVALHO, 1957)*

## NOVOS CAMINHOS – A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA AMERICANA

Em 1941, Jorge foi estudar na Universidade de Wisconsin onde teve grande influência da Geografia Regional. Em um navio rumo ao Estados Unidos, Jorge conheceu Cecília, uma jovem profissional extremamente competente e mulher muito inteligente. Sempre ouvi dizer que ela tinha sido uma mulher de vanguarda. Jorge e Cecília acabaram se casando. Tiveram dois filhos e trabalharam juntos em alguns momentos.

Nos Estados Unidos, Jorge estagiou na Universidade de Wisconsin, com o professor Léo Waibel. Em 1942, realizou um curso de verão na Universidade de Chicago acerca dos modernos métodos da Geografia de Campo. Durante o período que esteve nos Estados Unidos realizando o seu curso de pós-graduação, Jorge demonstrou suas inteligência e dedicação, deixando uma boa imagem aos seus professores Léo Waibel, Glenn T. Trewartha e V. C. Finch, que em suas cartas de recomendação destacavam o brilhantismo do jovem estudante e o desejo em tê-lo de volta para a realização de outros projetos. O que não tardou a acontecer.

Recém-chegado ao Brasil, Jorge foi enviado por Christovam Leite de Castro, então Secretário-Geral do CNG, novamente aos Estados Unidos para atuar em um projeto de grande envergadura que compreendia toda a América Latina. Durante 18 meses Jorge teve a oportunidade de aprofundar suas técnicas sob a orientação do professor Clarence Jones, na National Planning Association de Washington, D C, onde iniciou seu estudo sobre a Bacia do Médio São-Francisco.

No período em que esteve em Washington, o trabalho desenvolvido por Jorge Zarur esteve diretamente influenciado pelos acontecimentos da 2ª Guerra Mundial. Iniciando as atividades do X Congresso Brasileiro de Geografia, realizado em 1943, em Belém, Jorge realizou a palestra de abertura intitulada “Geografia: ciência ao serviço do homem”, publicada em 1944 pela Revista Brasileira de Geografia.<sup>3</sup> Durante esta conferência, Jorge fala sobre o que aprendeu nos Estados Unidos e sobre a necessidade de criação de metodologias de investigação que permitam um diagnóstico preciso das regiões e sirva como ferramenta para tornar a geografia uma ciência aplicada. Apresenta ainda alguns mapas elaborados por ele sobre o São Francisco e como a geografia pode e deve ser aplicada a serviço do homem.

*“Nos últimos quatro anos da minha vida profissional, tive oportunidade de observar como a ciência geográfica progrediu. Trabalhando, não só aqui, no Brasil, como também no estrangeiro, tive a feliz oportunidade de, nos Estados Unidos, acompanhar de perto o movimento renovador, essa luta tremenda dos geógrafos modernos que pretendem tirar a Geografia das lides puramente acadêmicas ou dos laboratórios, pondo-a a serviço do homem e tornando-a uma ferramenta útil e básica para os administradores e planejadores. Voltei um entusiasta dessa batalha e, agora, quero ser um dos seus soldados aqui na minha terra, que é, na realidade, o paraíso e grande laboratório dos geógrafos ativos” (ZARUR, 1944).*

Ao analisar a trajetória de Jorge Zarur, percebe-se que ele realmente levou essa missão consigo até a sua morte. A partir de 1948 começou a lecionar em diversas universidades e cursos reconhecidos. Participou de diversas bancas examinadoras de faculdades, congressos e foi um militante da vida política da geografia brasileira e latino-americana. Foi diretor da Divisão de Geografia do CNG, Secretário Geral da Comissão de Geografia do Instituto Pan-Americano de Geografia e História e sub-diretor do serviço de Geografia e Cartografia do IBGE.

Em outro trecho de seu discurso é possível perceber como a Geografia desenvolvia essa sua característica utilitarista nos Estados Unidos por conta da 2ª Guerra Mundial, e como a necessidade de informações precisas sobre os territórios vai impulsionar a geografia, em meados do século XX, para a posição de destaque que não possui mais.

*“A Geografia utilitária fez milagres nesta guerra. Só quem acompanhou, de perto, os trabalhos do batalhão de geógrafos mobilizados pelo Governo norte-americano, poderá saber da eficiência e da grandeza da contribuição que trouxe o*

---

<sup>3</sup> RBG 1944, v.6, n.3.

*Geógrafo à causa da guerra moderna: desde o mapa até à análise, quilômetro por quilômetro, das regiões invadidas. Entretanto, essa Geografia que está prestando já tantos serviços, hesitante na sua delimitação e nos seus objetivos, só agora começa a ter os seus filósofos e precisa ainda que a sua filosofia seja feita.(...)*

*Por isso é que sou favorável a uma campanha de "puritanismo" científico na Geografia, isto é, procurar fazer Geografia verdadeira e ajudar a construir a sua filosofia trazendo e acumulando dados seriamente obtidos e manipulados, distribuindo, localizando fatos, transferindo-os, se possível, para o mapa; distinguir as regiões homogêneas e examinar os fatos das relações entre o Homem e a Terra, para trazê-los, depois de interpretados ao conhecimento do administrador, dos cientistas, dos professores e de todos os interessados Em outras palavras, tornando a Geografia útil; pondo-a a serviço do Homem, procurando para ela uma aplicação.” (ZARUR, 1944)*

Esse trecho que sua palestra representa bem o pensamento de Jorge Zarur, que via na aplicação da geografia uma saída para a utilização dos recursos naturais como forma de melhorar a vida das populações.

## O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS E AMÉRICA LATINA

No Brasil, o CNG foi a referência cultural de Jorge. Desde sua fundação, em 1937, Jorge Zarur esteve profundamente envolvido com a instituição. Primeiro como aluno, e depois que voltou do mestrado, como Diretor da Divisão de Geografia do Conselho.<sup>4</sup>

Nos Estados Unidos, Jorge Zarur manteve uma estreita relação com a Nacional Planning Association, onde trabalhou por 18 meses e com outras instituições geográficas do país como a American Geographical Society de Nova York e o Inter-American Statistical Institute – IASI. O IASI foi fundado em 1940 por alguns membros do International Statistical Institute – ISI e iniciou uma série de Congressos Interamericanos de Estatística, especialmente entre 1947 e 1950 (assumidos posteriormente pela Organização dos Estados Americanos (OEA) na qualidade de Conferências Interamericanas de Estatística) como reuniões preparatórias para a realização do Censo das Américas, cuja primeira realização correspondeu a 1950 sob a coordenação de Jorge Zarur.

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar, para fins de esclarecimento, que em 1938, por determinação decreto-lei n.218, o Conselho Brasileiro de Geografia, tem sua nomenclatura alterada para Conselho Nacional de Geografia e se une ao Conselho Nacional de Estatística formando o IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dentro do CNG participou de diversos congressos, reuniões e assembleias, o que lhe conferiu uma articulação com representantes de diferentes países da América Latina.

Na América Latina, de forma geral, Jorge Zarur teve bons contatos e experiências através dos eventos organizados pelo Instituto Pan-Americano de Geografia e História, com sede no México, e do qual foi Secretário Geral da Comissão de Geografia, Assessor da Seção Brasileira e delegado em diversas reuniões e assembleias por conta dos trabalhos preparatórios para o Censo das Américas.

## INFORMAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O CENSO DAS AMÉRICAS DE 1950

Após muitos estudos e prática dentro da abrangência do campo da geografia, Jorge Zarur, conquistou um conhecimento técnico e uma boa habilidade para conduzir um projeto tão grande e ousado como a realização do 1º Censo das Américas, em 1950. Seu conhecimento na “a medição do território, a representação do território e a interpretação do território”<sup>5</sup>, fruto de muito estudo e das suas experiências profissionais, proporcionaram a Jorge Zarur a qualificação requerida para a condução deste projeto.

Sobre os preparativos para a realização desse censo, encontrei diversos recortes de jornal que datam de 1946 e 1947, período em Jorge visitou todas as nações latino-americanas, com exceção do Paraguai para organizar as ações e divulgar a realização do Censo entre as nações.

Este, que ficou conhecido como o 1º Censo Continental, tratou-se de um projeto cooperativo encomendado pelo Instituto Interamericano de Estatística<sup>6</sup> e patrocinado cooperativamente com outras três agências: o Instituto Brasileiro de Geografia e História, Instituto de Assuntos Inter-Americanos e o Instituto Pan-Americano de Geografia e História.

É interessante observar que esse projeto tem início junto ao final da 2ª Guerra Mundial e início da Guerra Fria, em 1946. Sem desmerecer as vantagens conferidas às nações que receberam apoio técnico e capacitação para a realização de seus recenseamentos, é impossível não enxergar as vantagens conferidas aos Estados Unidos em obter proximidade diplomática e informações valiosas sobre os países latino-americanos.

As atividades inicialmente envolveriam apenas o censo populacional e a elaboração de mapas, mas posteriormente, a Organização de Alimentos e Agricultura das Nações Unidas (FAO), encomendou ao Instituto Interamericano de Estatística (IASI), o censo de agropecuário. Dessa forma, simultaneamente ao censo demográfico e ao mapa das Américas, foi elaborado o censo agropecuário das Américas.

A partir de 1º de Setembro de 1946 são iniciados os seguintes trabalhos de preparação para o censo:

---

<sup>5</sup> Conforme dito por Christovam Leite de Castro, na apresentação de Jorge como um Geógrafo Moderno.

- a) Levantamento das fontes geográficas e cartográficas existentes nos Estados Unidos sobre todos os países da América Latina.
- b) Visita as 20 nações latino-americanas para investigar as condições geográficas e cartográficas em cada uma das repúblicas irmãs (com exceção do Paraguai).
- c) Conferenciar com os geógrafos e organismos técnicos em cada país, a fim de despertar o interesse e o entusiasmo, junto aos governos e opinião pública, pelo recenseamento das Américas.
- d) Convidar as nações a definir uma comissão de cada país para participar do Congresso Mundial de Estatística que seria realizado em Washington. Esse congresso teve como objetivo estabelecer as bases mínimas e técnicas necessárias para a coleta de informações. Além disso, apontar os problemas importantes tais como a uniformidade de definições, treinamento de pessoal, assistência técnica, publicação e outros.

Em uma de suas entrevistas, Jorge Zarur falou que a ideia do Censo das Américas surgiu em 1943, no Congresso Demográfico do México. Em entrevista ao jornal *Ercilla*, do Chile, Zarur falou sobre a importância desse censo continental para que a América conheça sua população, seus recursos e suas potencialidades. E mais, para que os países vizinhos conheçam uns aos outros e possam trabalhar em cooperação.

Em 1948, Jorge Zarur publicou, na *Revista Brasileira de Geografia*, um relatório preliminar sobre a situação estatística e cartográfica dos seguintes países: México, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica, Panamá, República Dominicana, Haiti, Cuba, Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Todos foram pessoalmente visitados por ele, com exceção do Paraguai.

Esses relatórios e as informações colhidas sobre o censo nas 57 matérias de jornal encontradas por mim durante a pesquisa ainda serão devidamente analisadas na tentativa de reconstruir essa história e compreender os seus desdobramentos. As informações já compiladas indicam que este projeto visava a homogeneização dos dados para fins comparativos. Em um trecho do relatório supracitado, Jorge Zarur deixa clara essa necessidade.

*“Uma das mais importantes tarefas preliminares do censo das Américas de 1950 é a definição clara dos termos geográficos. No censo de todo um continente, em que figuram diversos países com acentuadas diferenças regionais e em que se requer cotejos de dados, torna-se fundamental o problema da definição de certas designações geográficas. (Que é habitação? Que é urbano e que é rural? Que é aldeia, "caserio" e "poblado"? Que é sérra?)”*(ZARUR, 1948)

Para Zarur, a realização desse projeto colocava em articulação todo o seu conhecimento técnico e suas habilidades diplomáticas. Juntando as informações, foi possível perceber que havia três núcleos espalhados pelo continente, Brasil, México e Estados Unidos, e que tanto o Brasil quanto os Estados Unidos tinham um profundo interesse sobre essas informações.

Após a realização deste projeto de preparação para o Censo das Américas, o professor começou a lecionar em diversas universidades brasileiras e se tornou cátedra do Colégio Pedro II. Sua trajetória esteve sempre ligada aos Estados Unidos, de onde recebia diversos convites para ministrar cursos e conferências. Pouco antes de sua morte, Jorge havia iniciado um novo projeto e criado o Centro de Treinamento Pan-Americano para Avaliação dos Recursos Naturais, em parceria com a OEA.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a história da Geografia brasileira trata-se de um grande desafio, uma vez que o Brasil é país de memória curta e que não valoriza nem preserva seus documentos históricos. Entretanto, a pesquisa tem sido muito surpreendente. Além dos acervos oficiais, por eu ser sobrinha neta de Jorge Zarur, tenho tido a oportunidade de acessar alguns documentos do acervo da família.

Apesar de estar no estágio inicial da pesquisa, minhas recentes descobertas sobre a realização dos preparativos para o 1º Censo das Américas, apresentam indícios da participação do Departamento de Estado dos Estados Unidos no financiamento e na viabilização desse projeto. Vale destacar que essa hipótese se torna mais factível se analisarmos a política de contenção do comunismo implementada pelos EUA em tempos de Guerra Fria, e sua tradicional posição imperialista sobre as demais nações americanas.

No que tange a institucionalização da Geografia brasileira e a consolidação das suas instituições, Jorge Zarur foi uma personalidade extremamente ativa e comprometida com esta causa. Sua atuação foi desde acadêmica à prática. Na verdade essa era uma das suas maiores preocupações: fazer da geografia uma ciência aplicada. Tanto que a sua preocupação com o planejamento territorial foi expressa por diversas vezes ao longo de sua carreira. Desde seu trabalho sobre a bacia do rio São Francisco, passando pela definição do local para a construção de Brasília, a nova capital do Brasil, até a criação do Plano de Metas, de Juscelino Kubitschek.

Por fim, vale ressaltar que o Grupo GeoBrasil, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), através do projeto Dicionário dos Geógrafos Brasileiros (1890-1990), tem buscado contribuir com o estudo sistematizado e crítico da produção intelectual da Geografia brasileira. Dessa forma pretende-se, evoluir a presente pesquisa a fim de futuramente realizar uma releitura das principais obras

de Jorge Zarur e revisitar as atividades que foram bruscamente interrompidas pela sua morte inesperada, aos 41 anos de idade, em 1957.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Roberto Schmidt. A estruturação da tecnoburocracia do planejamento territorial no Brasil. *Terra Brasilis* [En línea], 4 - 5 | 2003, Publicado em 2012. <http://terrabrasilis.revues.org/356> Acessado em: 16/01/ 2015.

\_\_\_\_\_. *A Geografia e os Geógrafos do IBGE no período 1938-1998*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, UFRJ, 2000.

MARY, Cristina Pessanha. Um trabalho pioneiro e ainda atual sobre o IBGE, *Terra Brasilis (Nova Série)*, Publicado em junho de 2014. Acessado em: 27/01/15. <http://terrabrasilis.revues.org/1021>

EVANGELISTA, Hélio A. A Sociedade de *Geographia* do Rio de Janeiro. *Revista geo-paisagem*, on line, Ano 1, nº 1, Janeiro/Junho de 2002. Acessado em: 08/01/2015 - [http://www.feth.ggf.br/socgeorio.htm#\\_ftn1](http://www.feth.ggf.br/socgeorio.htm#_ftn1)

\_\_\_\_\_. Congressos Brasileiros de Geografia. *Revista geo-paisagem*, on line, Ano 2, nº 3, Janeiro/Junho de 2003. Acessado em: 08/01/2015 - <http://www.feth.ggf.br/congresso.htm>

\_\_\_\_\_. Onde está a geografia na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística? *Revista geo-paisagem*, on line, Ano 4, nº 7, Janeiro/Junho de 2005. Acessado em 08/01/2015- <http://www.feth.ggf.br/fibge.htm>

MACHADO, Mônica Sampaio. *A construção da geografia universitária no Brasil*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

PENHA, Eli Alves. *A Criação do IBGE no contexto da centralização política do Estado Novo*. Rio de Janeiro: IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, 1993. 123 p.

ZARUR, Jorge. A Geografia no Curso Secundário. *Revista Brasileira de Geografia*, v.3, n.2, abr./jun. 1941b, p. 227-269

\_\_\_\_\_. Geografia: Ciência Moderna ao Serviço do Homem. *Revista Brasileira de Geografia*, v.6, n.3, jul./set. 1944c, p. 313-326.

\_\_\_\_\_. Geografia e Cartografia para fins censitários na América Latina. *Revista Brasileira de Geografia*, v.10, n.4, out./dez. 1946d, p. 561-598. **COMENTAR/OS**

## SITES

<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=181897&PagFis=6825&Pesq> Acessado em 13/01/2015

[http://www.libano.org.br/olibano\\_hist\\_m](http://www.libano.org.br/olibano_hist_m) . Acessado em: 16/01/ 2015

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/videos\\_e\\_fotos/2014/11/141111\\_primeira\\_guerra\\_libano\\_valeeste\\_fn](http://www.bbc.co.uk/portuguese/videos_e_fotos/2014/11/141111_primeira_guerra_libano_valeeste_fn) . Acessado em: 14/01/ 2015.